

Fora da relação não há salvação

Um ensaio de uma teologia da salvação relacional a partir de M. Buber e J. Moltmann¹

Filipe F. Ribeiro Maia

Resumo

O artigo busca ensaiar uma soteriologia fundamentada no princípio relacional proposto por M. Buber em sua obra *Eu e Tu*, e articulada com a teologia de J. Moltmann. Busca-se demonstrar que a criação, a história e a humanidade estão integradas num processo salvífico que acontece a partir do encontro com o outro.

Palavras-Chave

Salvação – Martin Buber – Jürgen Moltmann.

Aluno do curso de Teologia da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 8º período, matutino. Membro do grupo de pesquisa FENPEC – Pesquisa em Fenomenologia.

¹ Parte da pesquisa que deu origem a este artigo foi acompanhada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na modalidade de bolsa de Iniciação Científica, sob orientação do Prof. Dr. Rui de Souza Josgrilberg.

Out of relation there's no salvation

An essay for a theology of salvation from M. Buber e J. Moltmann¹

Filipe F. Ribeiro Maia

Abstract

This article tries to elaborate a theology of salvation based on M. Buber's relational principle in his book *I and Thou* articulated with J. Moltmann's theology. It is desired to show how creation, history and humankind are integrated in a salvation process that happens through the encounter with the other.

Keywords

Salvation – Martin Buber – Jürgen Moltmann.

**A Student of Theology at the
Faculty of Theology of the
Methodist Church, 8th semester,
member of the research
group FENPEC - Research on
Phenomenology.**

¹ Part of the research which gave shape to this article was followed by the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) as a Scientific Initiation Scholarship under the orientation of Prof. Dr. Rui de Souza Josgrilberg.

Fuera de la relación no hay salvación

Un ensayo de una teología de la salvación relacional a partir de M. Buber y J. Moltmann¹

Filipe F. Ribeiro Maia

Resumen

El artículo busca ensayar una soteriología fundamentada en el principio relacional propuesto por M. Buber en su obra *Yo y Tú*, y articulada con la teología de J. Moltmann. Se busca demostrar que la creación, la historia y la humanidad están integradas en un proceso salvífico que ocurre a partir del encuentro con los demás.

Palabras clave

Salvación – Martin Buber – Jürgen Moltmann.

Alumno del curso de Teología de la Facultad de Teología de la Iglesia Metodista, 8º. periodo matutino. Miembro del grupo de investigación FENPEC – Investigación en Fenomenología

¹ Parte de la investigación que dio origen a este artículo fue acompañada por la *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo* (FAPESP), en la modalidad de beca de Iniciación Científica, bajo orientación del Prof. Dr. Rui de Souza Josgriberg.

Um solo para a teologia

*Então, Jesus lhe disse:
Hoje, houve salvação nesta casa
Lc 19:8a*

Há uma estranha ligação entre tudo aquilo que cremos ser os elementos da salvação e as formas como vivemos nossas vidas cotidianas e a fé que professamos. Se o amigo leitor me permite a utilização de um pietismo lingüístico (apenas temporário, claro), diria que a forma como sonhamos nosso céu e a forma como cunhamos a vida na terra em que pisam nossos pés estão numa relação inseparável. O fato é, portanto, paradoxal: fé na salvação implica num jeito específico de atuar no mundo, ao passo que este jeito de atuar no mundo reflete-se em nossas concepções soteriológicas.

Tal intuição tem me colocado diante de uma nova idéia, ainda bastante carente de lapidação: há na soteriologia algo de fundamental a toda teologia que dela se segue. Os ramos da grande árvore da reflexão teológica recebem da soteriologia aquilo que as alimenta e, em troca, permitem o desenvolvimento desta mesma raiz que se aprofunda terra adentro. Nessa cumplicidade dinâmica estão emaranhadas compreensões sobre a salvação com o que demais pensamos e fazemos como teologia.

De fato, na base dos movimentos teológicos pela história cristã está uma soteriologia bem fundamentada, que dá alimento ao edifício que se erigia sobre si, e em todas as rupturas e reformas o tema da salvação foi fundamental. Um simples e breve exemplo possivelmente exemplifique a questão. Trata-se da clássica obra *O peregrino*, do autor inglês John Bunyan, que conta a história de "Cristão" que, agonizando diante do fardo do pecado depositado sobre si, sai em busca da cidade celestial onde repousa sua salvação. Assim Bunyan descreve o início da peregrinação soteriológica de Cristão:

Certo dia, em que ele andava passeando pelos campos, notei que se achava muito abatido de espírito, lendo, como de costume, e ouvindo-o exclamar novamente: "que hei de fazer para ser salvo?" O seu olhar desvairado voltava-se para um e outro lado, como em busca de um caminho para fugir. [...] Mas a mulher e os filhos, ao verem-no fugir, seguiram atrás dele, suplicando que voltasse para casa. Cristão não lhes deu ouvidos, e continuando a carreira com mais velocidade gritava em altas vozes: "Vida, vida, vida eterna"².

Ora, eis aí um bom resumo da soteriologia proposta por Bunyan e que dá abertura a toda sua teologia: o caminho da salvação é uma caminhada de *fuga*, de abandono do mundo e da criação, de isolamento da história e da relação com as pessoas. Cristão, para ser salvo, foge de seu mundo (sua cidade), da história (sua própria história) e de sua família (dos corpos que ele abraça). Além disso, em todo seu percurso, Cristão está sempre diante da inegável solidão ao qual se lança o fiel em busca de salvação. Ora, salvação para Bunyan é um acontecimento exclusivo do indivíduo.

A julgar pela repercussão do *Peregrino* (depois da Bíblia, é o livro mais publicado da história!) é inegável que esta teologia da salvação encontrou campo fértil pelo mundo cristão afora desde o século XVII quando foi escrito. Se isso é assim, um panorama possível para a teologia cristã moderna está assim modelada: (1) o mundo criado é ruim e precisa ser abandonado; (2) a história não é relevante, precisa ser superada; (3) a pessoa humana é solitária, o indivíduo é sua interioridade.

Temos aqui um modelo soteriológico (e, portanto, teológico) de sucesso que, todavia, encontra-se em crise. Logo, para que algo seja feito no sentido de superá-lo, imagino que uma volta às raízes do problema é fundamental. Trata-se de ensaiar uma nova teologia da salvação que possa

² BUNYAN, J. *O peregrino: a viagem do cristão à cidade celestial*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1998. p. 22, 25.

alimentar o brotamento de algo novo. Este ensaio, portanto, pretende refletir como que o *mundo*, a *história* e a *humanidade encarnada* estão presentes num processo relacional de salvação. Trata-se de pensar o evento da salvação como uma caminhada relacional, como encontro.

Fundo estas idéias no pensamento de Martin Buber (1878-1965), pensador judeu e autor de *Eu e Tu*, na tentativa de compreender o princípio relacional aí elaborado como um princípio soteriológico. Num movimento de diálogo, trago também algumas leituras de obras do teólogo reformado alemão Jürgen Moltmann (1924-).

O espaço da salvação: a criação

Na modernidade, de forma muito peculiar, toda teologia da criação foi uma teologia *subordinada*. Subordinada, sobretudo, à antropologia que surgia com o ídolo humano como centro e sentido da criação divina. De mãos dadas ao capitalismo que surgia e espoliava a natureza em prol do voraz progresso mercantil, a teologia cristã lavou suas mãos diante do mundo que se extinguiu com a repetição de uma teologia – ou antropologia – da “coroa da criação”. Pois, dramaticamente, no ruir dos tempos modernos, eis que nos deparamos com um planeta decaído e uma cristandade que nele vê o sinal da volta de seu messias.

De acordo com Moltmann, há um pano de fundo soteriológico alicerçando esta teologia:

Quanto mais desvinculada do mundo se pensava a salvação pessoal, tanto mais indiferente tornavam-se o (re)conhecimento e a configuração do mundo em relação à salvação e à perdição. [...] A verdade não é mais *uma* verdade e a salvação não é mais a salvação *do todo*.³

³ MOLTSMANN, J. *Deus na criação: doutrina ecológica da*

O mesmo teólogo, em *Deus na criação*, propõe uma substituição deste antropocentrismo moderno por um “teocentrismo cosmológico”⁴ acompanhado de uma teologia da trindade como “*relação* variada e multiforme *de comunhão*”⁵. Para Moltmann, a relação que Deus estabelece com sua criação é uma relação de constante comunicação e reciprocidade: “Deus e o mundo estão juntos na relação do ato recíproco de tomar-morada e da participação”⁶.

Se isso é certo, é possível afirmar que a dinâmica cósmica criada por Deus guarda em si a palavra da relação. Em *Eu e Tu*, tal é a primeira esfera de existência e desdobramentos da palavra-princípio Eu-Tu como Buber as defende. No reino da *natureza* o encontro acontece como que silenciosamente, envolto numa penumbra desprovida de linguagem, mas que, no silêncio da palavra-princípio, “depara-se com o limiar da palavra”⁷. Buber defende que, por exemplo, no contato com árvores e animais temos formas legítimas de diálogo, em que presença e reciprocidade estão ativas na vida que acontece entre os entes em relação. Neste encontro, vive-se a alteridade radical do outro, não como “meramente um outro”, mas “verdadeiramente o próprio outro”⁸.

Para Buber, na criação de Deus nada em absoluto é profano, mas apenas *ainda* não santificado: “todo ato natural, se santificado, leva a Deus”⁹. No mundo criado, todas as coisas esperam por sua santificação, que tem como seu escopo a sacramentalização do mundo:

criação. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 61-62.

⁴ *Ibidem*. p. 207.

⁵ *Ibid.* p. 18.

⁶ *Ibid.* p. 224.

⁷ BUBER, M. *Eu e Tu*. 10ª. ed. São Paulo: Centauro, 2006. p. 55.

⁸ BUBER, M. *Encontro: fragmentos autobiográficos*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 19.

⁹ FRIEDMAN, Maurice. *Martin Buber: the life of dialogue*. 4th edition. London/New York: Routledge, 2002. p. 162. (Tradução própria.)

É porque Deus habita no mundo que o mundo pode ser transformado num sacramento. Mas isso não significa que o mundo é objetivamente já um sacramento. É apenas capaz de se transformar em um através do contato redentor com o indivíduo [...] Existência sacramental, como a existência dialógica de forma geral, envolve um encontro com o outro em que o Tu eterno se manifesta.¹⁰

Buber completa: “se amamos o mundo atual [...] nossas mãos encontrarão as mãos que suportam o mundo”, pois “aquele que verdadeiramente vai ao encontro do mundo vai ao encontro de Deus”¹¹. Mina-se aqui qualquer forma de fragmentação soteriológica: a salvação é salvação do todo, é um acontecimento cósmico.

Neste sentido, a criação tem um duplo aspecto para o processo relacional da salvação. O primeiro diz respeito à responsabilidade por sua preservação e manutenção, o segundo implica nosso enraizamento no mundo. Em poucas palavras, não basta apenas crer *para* o mundo, mas trata-se exatamente de inserir nossa fé *no* mundo. No primeiro caso, há salvação em seu sentido planetário, ecológico, quando fazemos frente à atual crise global na tentativa de alimentar no mundo seu caráter sacramental. Já no segundo caso, trata-se de um processo relacional de cumplicidade e diálogo que acontece entre seres humanos e natureza, no qual há salvação integral, entre pessoas e natureza, quando a Face de Deus apresenta-se no encontro salvífico. Trata-se de *estar* com Deus e com a criação e encontrar a salvação que descansa no mundo.

Ora, fora do mundo criado não há salvação, pois é nele, e somente nele, em que encontramos a alteridade que nos garante o encontro salvífico.

O tempo da salvação: a história

Se é no mundo que a salvação encontra seu lugar, é na história em que ela encontra seu *tempo*. Em *Teologia da Esperança*, sua obra clássica, Moltmann identifica na fé bíblica uma dinâmica que se orienta a partir da *memória* histórica que projeta o fiel a um novo horizonte, de onde se pode prever as possibilidades e a eficácia futura da memória passada¹². Trata-se daquilo que o teólogo reiteradamente denomina de esperança *escatológica*¹³ que, em suma, é a forma com que adentramos no templo da realidade, o tempo da *presença*. Temos em Moltmann um trinômio memória-esperança-presença baseado na história e na fé em um Deus que é história.

A história em Buber também está relacionada ao tema da presença. Para ele, a “história verdadeira [...] só pode ser entendida através da participação nela – por meio de sua vivificação a nós como Tu”¹⁴. Este encontro histórico é para Buber um tempo em que também se pode dirigir e ouvir a palavra-princípio da relação no âmbito do terceiro reino relacional apresentado em *Eu e Tu*. Para Buber a “vida com os seres espirituais” (*geistige Wesenheiten*)¹⁵, desenvolve-se como relação

¹² MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. 3ª. ed. São Paulo: Teológica / Loyola, 2005. p. 31.

¹³ Cf. *Ibidem*. p. 30: “O cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só um apêndice”.

¹⁴ FRIEDMAN, M. *Martin Buber: the life of dialogue*. p. 283. (Grifos próprios).

¹⁵ Há uma série de divergências quanto à tradução deste termo. Newton Aquiles von Zuben traduz como “seres espirituais”, a expressão que utilizarei de agora em diante. Em sua primeira tradução de *Eu e Tu* ao inglês, Ronald Gregor Smith utilizou a expressão “*intelligible forms*” (formas inteligíveis) e, em sua segunda edição, preferiu usar “*spiritual beings*” (seres espirituais), mesma adotada por von Zuben na tradução brasileira. Friedman insiste no uso do termo “essências inteligíveis”, enquanto R.G. Smith relata ter ouvido do próprio Buber que *geistige Wesenheiten* queria dizer “*Spirit in phenomenal form*”, isto é, “espírito em forma fenomênica”. Sobre esta discussão, ver: KRAMER, K.P. *Martin Buber's I and Thou: practicing living dialogue*. New York / Mahwah, N.J.: Paulist Press, 2003. p. 60-61. Em nosso caso, vale notar que a expressão “espírito” tem aqui um sentido filosófico que se relaciona à

¹⁰ *Ibidem*. p. 163.

¹¹ BUBER, M. *Eu e Tu*. p. 114.

que abre mão do uso da linguagem, mas que dá origem a esta mesma. A palavra dialógica é proferida “de todo nosso ser [...] sem que nossos lábios possam pronunciá-la”.¹⁶ Então o silêncio, este emaranhado de mundos calados ao nosso redor dá vida ao encontro entre Eu e Tu.

Na relação com os seres espirituais tal como Buber pensava, o Tu da palavra-princípio primordial é evocado na história e feito presença. Assim como desejava Moltmann quando afirma o “Deus do presente” e o “presente divinizado”¹⁷, em Buber também está claramente dado um sentido soteriológico à história como encontro entre memória e esperança na presença atual:

O homem recebe e o que ele recebe não é um “conteúdo”, mas uma presença, uma presença que é uma força [...] Aquilo diante do que vivemos, aquilo no que vivemos, a partir do qual e para o qual vivemos, o mistério, permaneceu como era antes. Ele se tornou presente e se nos revelou em sua presença como a salvação [...] A palavra da revelação é esta: “Eu sou presente como aquele que sou presente”. O que se revela é o que se revela. O ente está presente, nada mais.¹⁸

Tal é o sentido da palavra-princípio que torna o presente num encontro salvífico em que falam memória e esperança no tempo da presença. Se me é permitido o jogo de palavras, a presença é o presente da salvação, o tempo do encontro da promessa e da esperança, da memória e da espera pela vinda do horizonte escatológico de Deus. A história, esta mesma, na qual inscrevemos nossas parcas pegadas sobre caminhos tão ambíguos e, por tantas vezes, tortuosos, é o tempo salvífico do encontro.

própria expressão do ser humano, como inteligência e produção.

¹⁶ BUBER, M. *Eu e Tu*. p. 55.

¹⁷ MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*. pp. 44; 48-49. (Grifos próprios)

¹⁸ BUBER, M. *Eu e Tu*. pp. 124-125.

Sim, fora da história não há salvação, pois nela, e somente nela, está o tempo da alteridade que nos garante o encontro salvífico.

A carne da salvação, o corpo

De um modo geral, o reflexo mais claro dessa teologia cristã contra o mundo e a-histórica foi a corroboração do individualismo moderno. Aqui, a dimensão integral da humanidade, sua existência corporal e a necessidade da relação inter-pessoal tornaram-se como que em barreiras separando a humanidade do Deus que salva.

Segundo Moltmann, há duas grandes correntes do pensamento que organizaram e sistematizaram a negação do corpo em face do “primado da alma”: o pensamento de Platão e de seus seguidores, e a filosofia de Descartes e seu impacto na mentalidade moderna. Moltmann analisa esta ascese da alma sobre o corpo de uma forma bastante peculiar e interessante:

Nas histórias da civilização, a concepção do *Eu* da pessoa empreendeu uma esquisita peregrinação: enquanto se compreendia a vitalidade da pessoa no fato de inspirar e no expirar o ar, localizava-se o *Eu* no *diafragma*. [...] Mais tarde, via-se a vitalidade da pessoa em suas grandes paixões, na confiança do coração e do amor bondoso. Localizava-se, portanto, o centro da vida no *coração* humano. [...] No mundo das concepções, o *Eu* novamente teve que peregrinar e foi alojado no *cérebro* humano. [...] Com essa peregrinação do *eu* para cima, o centro da pessoa mudou do meio do corpo para a cabeça. [...] Surge o “primado do espírito”, por um lado, e a correspondente perda dos sentidos da “civilização técnico-científica”, por outro lado.¹⁹

Nesta peregrinação do centro do corpo às alturas do pensamento, é interessante

¹⁹ MOLTSMANN, J. *Deus na criação*. p. 364-365.

notar o próprio movimento da soteriologia cristã fundada na aceitação racional do crente de sua própria salvação. Ao fazer da salvação um acontecimento da "consciência", a teologia fez com que a centralidade no ato relacional da respiração fosse definitivamente sublimada da soteriologia e entronizada esta racionalidade individual da consciência.

Diante disso, Moltmann propõe uma antropologia centrada na "forma pericorética de corpo e alma" em analogia à comunhão trinitária como "relação comunitária de necessidade recíproca e de interpenetração"²⁰. Para o teólogo, a vida humana possui uma forma que a liga com todo restante da criação de Deus, o que implica que a salvação do corpo se inicia já na comunhão cósmica da divina criação. Isto ilustra que a vida humana é uma *vida em curso*, com história, ou seja, que a pessoa, não é um fim em si mesma, mas uma *direção*: "ela é na medida em que *se torna*"²¹. Disto resulta que a vida é uma ação comunitária que acontece *entre* indivíduos. Enfim, a radicalidade desta ação divina sobre a vida humana indica a eternidade da vida, *antes* e *depois* da morte. Em resumo, no Espírito, destaca Moltmann, a vida ganha um *corpo*, uma *direção*, *comunhão* e *manutenção*.

Para Buber, é justamente na existência humana em sua dimensão relacional que está a grande manifestação das palavras-princípio Eu-Tu. "Aqui", Buber explica, "há realmente o contemplar e ser-contemplado, o reconhecer e o ser-reconhecido, o amar e o ser-amado"²². Newton Von Zuben resume em termos claros: "o eu não passa de uma abstração. Ele só é na relação"²³.

A dimensão humana do encontro acen-tua de forma mais clara a divindade salvífica de uma relação. A humanidade entendida como relação, como Moltmann e

Buber propõem, encontra seu fundamento existencial e sua salvação no encontro com o outro. A vida dialogal torna-se salvífica uma vez que a presença de Deus se confirma, quando no corpo de uma pessoa se escuta o silêncio da palavra-princípio sendo pronunciada: *Tu*. No encontro que se segue, há salvação.

Na dimensão humana da relação proposta por Buber, a salvação humana acontece como relação, como encontro com o Rosto de Outrem (Lévinas). Salvação tem que ver com respiração comunitária, com sopro de vida que parte do corpo de um outro que vem a mim na graciosa presença e revela o próprio sopro eterno de Deus. Salvação tem que ver com Carne que habita *entre* nós.

Todos os caminhos de relação levam a Deus

O fundamento da vida está no encontro com o outro. "No princípio é a relação"²⁴, diz Buber. Assim, no fundamento da vida, encontro o fundamento para uma teologia da salvação que, em seu turno, há de fundamentar os ramos, frutos e flores da árvore de teologia que dela surgirá.

O encontro que salva acontece no mundo, na história, no corpo. O encontro que salva tem seu lugar no mundo criado, o redime e faz dele nossa redenção; acontece no tempo da presença histórica, redime a história e faz da memória que encontra com a esperança no templo da presença o tempo de nossa salvação; acontece no corpo humano e encarna a salvação como sopro eterno de vida.

Trata-se de propor um novo fundamento para a teologia. Não mais o "Uno", o "Ser", o "Mesmo". Trata-se de ensaiar uma teologia que deite suas raízes no Outro, na alteridade que espanta, que aproxima, que afasta e que, enfim, salva.

²⁰ Ibidem. p. 368.

²¹ Ibid. p. 377.

²² BUBER, M. *Eu e Tu*. p. 119.

²³ ZUBEN, N. A. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. Bauru: EDUSC, 2003. p. 17.

²⁴ BUBER, M. *Eu e Tu*. p. 63.

A dimensão salvífica do encontro jaz em seu caráter de apresentar por meio do mundo, da história e do outro humano, a Face que sustenta o universo. De acordo com Buber, todas as linhas de relação "entrecruzam-se no Tu Eterno"²⁵: toda forma de relação conduz ao Deus que salva. No outro – enquanto natureza, história e corpo – está a face de Deus e jaz o encontro que nos salva da solidão e do silêncio sem sentido. "Porém", poetiza Buber, "quando o encontro perfeito deve realizar-se, estas três portas se reúnem em um portal que é o da vida atual, e então não sabes mais por qual delas entraste"²⁶.

Sim, o outro abre as portas de minha salvação. No mundo do *entre nós* há salvação e, fora dele, não há salvação. No encontro há salvação, do qual cantamos e poetizamos como Jesus: hoje houve salvação nesta casa.

Referências bibliográficas

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 10^a. ed. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2006. 152 p.

_____. *Encontro: fragmentos autobiográficos*. Tradução de Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis: Vozes, 1991. 85 p.

BUNYAN, João. *O peregrino: a viagem do cristão à cidade celestial*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1998.

FRIEDMAN, Maurice. *Martin Buber: the life of dialogue*. 4th edition. London/New York: Routledge, 2002. 404 p.

KRAMER, Kenneth Paul. *Martin Buber's I and Thou: practicing living dialogue*. New York / Mahwah, N.J.: Paulist Press, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. 3^a ed. revista e atualizada. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Teológica / Loyola, 2005. 469 p.

_____. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *El hombre: antropologia cristiana em los conflictos del presente*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1973. 158 p.

ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. Bauru: EDUSC, 2003.

²⁵ Ibidem. p. 101.

²⁶ Ibidem. p. 119.